

O
HOTEL
NANTUCKET

AMOSTRA

ELIN
HILDERBRAND

O
HOTEL
NANTUCKET

Há muito
drama entre
portas fechadas

Tradução de **Camila Moreira**



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

*Para Mark, Gwenn Snider
e toda a equipe do Hotel Nantucket,
meu amor e gratidão*

1 • O Telégrafo de Pedra



A Ilha de Nantucket é conhecida por suas ruas de pedra portuguesa e calçadas de tijolo vermelho, chalés com telhas de cedro e arcos cobertos por rosas, longas praias com areia clarinha e brisas refrescantes do Oceano Atlântico — e também por seus residentes que adoram uma boa dose de fofoca (qual belo paisagista tem se insinuado para a esposa de um certo magnata de imóveis local — esse tipo de coisa). No entanto, ninguém aqui está preparado para o tornado de rumores que acomete a Main Street, espalhando-se pela Orange Street e seguindo na rotatória de Sconset, quando descobrimos que o bilionário londrino Xavier Darling está investindo 30 milhões de dólares no decadente Hotel Nantucket.

Metade de nós está intrigada. (Há muito tempo nos perguntávamos se alguém tentaria revitalizá-lo.)

A outra metade está cética. (O local, com toda sinceridade, aparenta não ter salvação.)

Xavier Darling não é nenhum novato no negócio de turismo. Já foi dono de cruzeiros, parques temáticos, pistas de corrida e até mesmo, por um breve período, possuiu sua própria linha aérea. Mas, até onde sabemos, ele nunca foi dono de hotel — e nunca pisou em Nantucket.

Com a ajuda de um magnata de imóveis local, Eddie Pancik — mais conhecido como “Eddie Veloz” (que, aliás, está feliz por reatar com a esposa) — Xavier toma a sábia decisão de contratar Lizbet Keaton como gerente-geral. A ilha inteira adora Lizbet. Ela se mudou de Twin Cities para Nantucket em meados dos anos 2000, com seu cabelo loiro em duas longas tranças fazendo-a parecer a princesa mais nova de *Frozen* e, no começo de seu primeiro verão na ilha, encontrou seu “príncipe encantado” em JJ O’Malley. Por quinze temporadas, Lizbet e JJ gerenciaram um restaurante muito popular chamado Deck. JJ era o dono/cozinheiro e Lizbet a perita em propaganda. Lizbet foi quem teve a ideia

da fonte de vinho rosé e das famosas taças sem haste datadas — um fenômeno nas redes sociais. Nem todos nós gostávamos do Instagram, mas adorávamos passar as tardes de domingo no Deck tomando um rosé, aproveitando a famosa torrada com molho de ostras e observando pela janela os riachos de Monomoy, onde espiávamos o mergulho ocasional de uma garça-branca em busca do jantar na relva.

Todos acreditavam que Lizbet e JJ haviam conquistado o que nossos millennials chamavam de *#MetaDeRelacionamento*. No verão, eles trabalhavam no restaurante e, na baixa temporada, podiam ser vistos mergulhando para apañar vieiras em Pocomo, divertindo-se com trenós no íngreme morro de Dead Horse Valley ou fazendo compras juntos no mercado Nantucket Meat and Fish, pois planejavam curar um pedaço de gravlax de salmão ou preparar um molho à bolonhesa de cozimento lento. Nós os víamos de mãos dadas na fila do correio e reciclando caixas de papelão no lixo juntos.

Ficamos *chocados* quando JJ e Lizbet se separaram. Ouvimos a notícia pela primeira vez por meio da Sharon Loira. Sharon é o motor a turbo da fábrica de rumores de Nantucket, portanto tínhamos nossas ressalvas, mas então Robbins Amoroso da floricultura Flowers on Chestnut confirmou que Lizbet *devolveu* um buquê de flores que JJ encomendara. Eventualmente a história veio à tona: na festa de encerramento do Deck em setembro, Lizbet descobriu 187 mensagens de cunho sexual que JJ enviara para sua representante de vinhos, Christina Cross.

Lizbet estava, de acordo com alguns, *desesperada* para se reinventar — e Xavier Darling proveu um meio. Nós desejávamos o melhor para ela, mas o Hotel Nantucket, já longe de seus dias de glória, tinha uma reputação manchada a reparar (sem mencionar o telhado, as janelas, o piso, as paredes e a fundação que afundava).

✱

Ao longo do inverno de 2021 e do início da primavera de 2022, observamos empreiteiros locais, arquitetos e a designer de interiores Jennifer Quinn entrarem e saírem do hotel, mas cada um dos funcionários mantinha segredo quanto ao que acontecia no interior. Havia rumores de que nossa instrutora de academia favorita, Yolanda Tolentino, tinha sido contratada para gerenciar um centro de bem-estar e que Xavier Darling estava em busca de alguém com “pedigree da ilha” para operar o novo bar do hotel. Nós vemos as idas e vindas de Lizbet Keaton, mas, quando Sharon Loira esbarra com Lizbet na fila da inspeção veicular na Don Allen Ford — Lizbet em seu Mini Cooper e Sharon em seu SUV

G-Wagon — e pergunta como está o hotel, Lizbet muda o assunto para os filhos de Sharon. (Sharon não tem o menor interesse em conversar sobre os filhos; já são adolescentes.)

Jordan Randolph, o editor do jornal *Nantucket Standard*, ignora as duas primeiras ligações que recebe de Lizbet Keaton informando que o interior do hotel está pronto e perguntando se ele gostaria de conferir tudo “em primeira mão”. Jordan é um dos céticos. Ele não suporta a ideia de que alguém como Xavier Darling — um titã dos negócios estrangeiro — tenha comprado uma propriedade histórica como o Hotel Nantucket. (Jordan está ciente de que Herman Melville escreveu *Moby-Dick* antes mesmo de visitar a ilha. Isso o faz se sentir melhor? Não mesmo.) Ainda assim, Jordan raciocina: se não fosse Xavier Darling, então quem? O lugar havia sido abandonado. Até a Associação Histórica de Nantucket havia categorizado o hotel como um projeto muito grande (e caro).

Quando Lizbet liga pela terceira vez, Jordan atende o telefone e aceita, relutante, enviar um repórter.

A editora de *Home and Lifestyle*, Jill Tananbaum, é *obcecada* por design de interiores — qualquer um que siga seu Instagram nota isso imediatamente (@ashleystark, @elementstyle, @georgantas.design). Jill adoraria aproveitar esse trabalho no *Nantucket Standard* para se aproximar ainda mais de uma posição na *Domino* ou até mesmo na *Architectural Digest*. Cobrir a renovação do Hotel Nantucket poderia ser sua chance. Ela não deixaria nenhum detalhe de fora.

*

Assim que Jill entra pela grandiosa entrada, seu queixo despenca. Pendurado no teto abobadado do lobby jaz o esqueleto de um antigo barco baleeiro que fora engenhosamente reutilizado como um candelabro marcante. As vigas, recuperadas da estrutura original, mergulham o cômodo em um manto histórico. Largas poltronas estofadas em um tom de azul-hortênsia (que Jill logo descobriu ser a marca do hotel), bancos otomanos estofados em suede e mesas de centro exibindo livros e jogos de bom gosto (gamão, damas e quatro tabuleiros de xadrez de mármore). No canto mais distante do cômodo, está exposto um piano de cauda branco. Na extensa parede ao lado da recepção, uma enorme fotografia de James Ogilvy do Atlântico tirada do farol Sankaty Head traz o oceano para dentro do hotel.

Uau, pensa Jill. *Apenas... uau*. Sua mão está coçando para agarrar o telefone, mas Lizbet lhe disse que, por enquanto, estava proibido tirar fotos.

Lizbet mostra a Jill os quartos de hóspedes e as suítes. A artista local Tame-la Cornejo pintara à mão um mural do céu noturno de Nantucket no teto de cada quarto. As luminárias, esferas de vidro envolvidas por correntes de latão, lembram boias e cordas. E as camas — *perdão, mas que camas!*, pensa Jill. As camas têm dosséis inspirados em madeira velha e grossas cordas náuticas. São camas tamanho imperador, feitas sob medida, cobertas por lençóis brancos etéreos.

Os banheiros são os mais espetaculares que Jill já vira na vida. Cada um com um chuveiro revestido por conchas de ostras, um moderno vaso sanitário sem caixa acoplada e uma bela banheira vitoriana — com a base pintada na cor azul-hortênsia do hotel.

— Mas o segredo do sucesso de qualquer banheiro — diz Lizbet para Jill — não é a *aparência*, e sim como o *hóspede* se sente. — Ela aperta um interruptor. Surge uma leve auréola de luz ao redor do comprido e retangular espelho sobre a bancada. — Favorece o reflexo, não acha?

Jill e Lizbet se olham no espelho como duas adolescentes. *É verdade*, pensa Jill. Ela nunca pareceu tão deslumbrante quanto no banheiro da suíte 217.

Então — e então! — Lizbet conta a Jill sobre o minibar gratuito.

— Eu perdi a conta de quantas vezes estive em um quarto de hotel e só quis uma taça de vinho ou um salgadinho, mas pagar 70 dólares por uma garrafa de chardonnay e 16 dólares por um pacote de amendoins é um crime quando já paguei tanto pelo quarto. Por isso, nossos minibares terão uma seleção cuidadosa de produtos locais. — Ela menciona cervejas Cisco, vodca Triple Eight e patê defumado de anchova do mercado na 167 Raw. — Tudo estará incluso e será estocado a cada três dias.

Minibar incluso!, escreve Jill em seu caderno. *Produtos de Nantucket!* Jordan deveria lhe oferecer o artigo de capa só por essa notícia.

Lizbet guia Jill até as piscinas. A primeira é um extenso espaço familiar com cascatas d'água. (“Haverá limonada e cookies frescos servidos todos os dias às 15h”, diz Lizbet.) A segunda piscina é um santuário para adultos, com pastilhas azuis cercadas por paredes de ladrilhos cinza, que seria coberta por rosas em tons pastéis no auge do verão. Ao redor da piscina estão “as espreguiçadeiras mais confortáveis do mundo, largas e de fácil ajuste”, e pilhas de tolhas de algodão turco feitas sob encomenda em azul-hortênsia.

Em seguida, elas vão direto para o estúdio de ioga. Jill nunca esteve em Bali, mas *lera* a obra *Comer, Rezar e Amar*, então apreciava a estética. O teto do estúdio exibe uma elaborada estrutura de teca recuperada de um templo em Ubul. (Jill pensa no quanto deve ter custado enviar e instalar este teto... *emojis de cabeça explodindo!*) Há uma fonte de pedra gorgolejante na forma um tanto aterrorizante de um deus Brahma que deságua em uma poça de pedras de rio.

A luz do exterior se dispersa através de cortinas de papel de arroz e música de gamelão toca no sistema de som. *Considerando tudo*, pensa Jill, *o novo estúdio de ioga será um lugar idílico para tentar a postura da criança.*

Mas, na opinião de Jill, a maior revelação é o bar do hotel. É uma grande caixa de joias, com um espaço pintado na cor Pitch Blue da Farrow and Ball (que se encaixa no espectro entre safira e ametista) e um bar de granito azul. Há luminárias meia-lua pendentes semelhantes a tigelas de cobre de cabeça para baixo e uma parede de destaque *repleta de moedas brilhantes!* Há também um globo de luz de cobre que descerá do teto toda noite às 21h. Não há nada igual em toda a ilha. Jill está chocada. Será que ela já pode fazer uma reserva, por favor?

Jill corre de volta para sua mesa na redação do *Standard*. Alguma vez ela já esteve tão inspirada a escrever um artigo? Ela digita como se estivesse possuída, expondo todos os detalhes, incluindo os tapetes Annie Selke nos tons do arco-íris, a seleção especial de romances nas prateleiras das suítes, e as banquetas estofadas em veludo seccionadas com botões no novo bar do hotel — depois revisa o artigo, palavra por palavra, para ter certeza de que a linguagem é tão graciosa e rica quanto o hotel.

Ao terminar sua edição final, ela leva o artigo ao escritório de Jordan Randolph. Ele gosta de ler a versão impressa de cada artigo de capa para marcar de caneta vermelha, como se fosse Maxwell Perkins editando Fitzgerald e Hemingway. Jill e seus colegas fazem piadas disso. Ele nunca ouviu falar do Google Docs?

Jill permanece de pé na porta enquanto ele lê, esperando o “impressionante” de sempre. Mas, ao terminar, Jordan joga as páginas sobre a mesa e diz:

— Hum.

Hum? O que *hum* quer dizer? Jill nunca ouviu seu chefe extremamente articuladamente pronunciar tal sílaba.

— Algo de errado? — pergunta Jill. — É a... escrita?

— A escrita está boa — diz Jordan. — Talvez polida *demais*? Isto parece uma daquelas propagandas no meio da *Travel and Leisure*.

— Ah — diz Jill. — Ok, então...

— Eu estava mais na expectativa de uma *história* — fala Jordan.

— Não tenho certeza se *há* uma história — diz Jill. — O hotel estava caindo aos pedaços e Xavier Darling o comprou. Ele contratou moradores...

— Sim, você diz isso. — Jordan suspira. — Eu queria que tivesse outro ângulo... — Sua voz se prolonga. — Não vou publicar isto esta semana. Me deixe pensar um pouco. — Ele sorri para Jill. — Mas obrigado por ir atrás do “em primeira mão”. — Ele usa aspas, o que o faz parecer *bem* tiozão. — Eu agradeço.

No fundo, Jordan Randolph suspeita que o Hotel Nantucket será como uma obra de arte do Banksy: após ser revelado, atrairá atenções por um glorioso momento e então implodirá. Uma pessoa que concorda é o morador de 94 anos do asilo Our Island Home chamado Mint Benedict. Mint é filho único de Jackson e Dahlia Benedict, o casal dono do hotel entre 1910 e 1922. Mint pede à sua enfermeira favorita, Charlene, para empurrá-lo em sua cadeira de rodas até a Easton Street a fim de que ele possa ver a nova e elegante fachada do hotel.

— Eles podem arrumá-lo o quanto quiserem, mas não terão sucesso — diz Mint. — Guarde minhas palavras: o Hotel Nantucket é assombrado e é tudo culpa do meu pai.

Mint está falando besteira, pensa Charlene, e com certeza precisa tirar uma soneca. Ela gira a cadeira de rodas de volta para casa.

Assombrado?, pensamos.

Metade de nós está cética. (Não acreditamos em fantasmas.)

A outra metade está intrigada. (Logo quando pensávamos que a história não poderia ficar melhor!)



2 • A Quinta Chave



PLAYLIST DE TÉRMINO DE LIZBET KEATON

Good 4 U — Olivia Rodrigo
All Too Well (Taylor's version) — Taylor Swift
If Looks Could Kill — Heart
You Oughta Know — Alanis Morissette
Far Behind — Social Distortion
Somebody That I Used to Know — Gotye
Marvin's Room — Drake
Another You — Elle King
Gives You Hell — All-American Rejects
Kiss This — The Struts
Save It for a Rainy Day — Kenny Chesney
I Don't Wanna Be in Love — Good Charlotte
Best of You — Foo Fighters
Rehab — Rihanna
Better Now — Post Malone *Forget You* — CeeLo Green
Salt — Ava Max
Go Your Own Way — Fleetwood Mac
Since U Been Gone — Kelly Clarkson
Praying — Kesha

Desde sua terrível separação do JJ O'Malley, Lizbet esteve em busca de uma fonte de inspiração que a fizesse se sentir melhor. Ela gastou 77 dólares na Wayfair em um quadro com citação atribuída a Sócrates: *O segredo da mudança é focar toda a sua energia não em lutar contra o antigo, mas em*

construir o novo. Ela o pendurou na parede perto da cama para ser a primeira coisa que visse ao acordar e a última antes de apagar as luzes para dormir.

Toda a sua energia. Não em lutar contra o antigo. Mas em construir o novo. O segredo da mudança.

É mais fácil falar do que fazer, pensa. Ela gasta toda a sua energia lutando contra o antigo.



A Última Noite no Deck é uma tradição amarga, pois marca o fim do verão. Lizbet e JJ precisam dar adeus à equipe em que investiram tanto tempo e energia (e dinheiro) para construir. Alguns dos funcionários voltarão na próxima primavera, mas nem todos, então o verão não poderá ser replicado. Isso, descobriram, é tanto bom quanto ruim. A Última Noite é um momento de farra para os funcionários. Lizbet e JJ organizam uma excelente festa, abrindo latas de caviar beluga e garrafas e mais garrafas de vinho rosé Laurent-Perrier.

Uma das tradições é a foto dos funcionários que Lizbet tira de todos inclinados sobre o corrimão da escada com o riacho Monomoy atrás deles. Ela emoldura essas fotografias e as pendura no corredor que leva aos banheiros. É como um registro, um álbum, uma história.

A foto desta noite será a décima quinta. Ela quase não pode acreditar.

Lizbet chama todos para que se juntem, e eles se organizam em uma pose criativa e aconchegante. Os mais baixos na frente! Goose, o sommelier, e Wavy, o gerente, agarram Peyton, a favorita de todo mundo (e também baixinha) e a levantam. Christopher e Marcus seguram a mão um do outro — a primeira vez que reconhecem que se tornaram um casal neste verão. Ekash, Ibo e todos os cozinheiros, lavadores de louça e entregadores encontram seus lugares.

Lizbet usa o celular de JJ para tirar a foto porque está sobre a mesa dez, bem à sua frente. Ela digita a senha de JJ — 1103, o aniversário dela — e as notificações de mensagem começam a pipocar, todas com fontes absurdamente grandes (JJ não admite que precisa de óculos). Lizbet está prestes a sair das mensagens quando algo lhe chama atenção: Eu te quero tanto. Isso foi seguido por: Me diga o que quer que eu faça com você. Lizbet congela e, então, pensa: *Espera, este não deve ser o celular do JJ.* Deve ser o iPhone 13 Pro Max de outra pessoa, mas com uma capa azul-elétrica, uma foto de Anthony Bourdain de plano de fundo e o seu aniversário como senha. Um centésimo de segundo depois — é impressionante a rapidez com que o cérebro processa até informações contrainstintivas — ela entendeu se tratar do celular de JJ. Essas mensagens — ela desliza pela tela até encontrar a foto dos seios de uma mulher e o que ela *sabe* ser o pênis

ereto de JJ — sendo enviadas e recebidas de Christina Cross, a representante de vendas de vinhos.

Goose a chama.

— Tira logo a foto, Libby. Essa criatura está ficando pesada!

As mãos de Lizbet estão tremendo. O que ela acabou de descobrir? É real? Isso está mesmo acontecendo? De algum modo, ela consegue disfarçar (mais tarde, considerará isso uma demonstração de força sobre-humana). Ela tira as fotos. Saíram boas. São as melhores. Então Lizbet pega o celular de JJ e se apressa para o banheiro feminino, onde, sentada dentro de uma cabine, ela lê as inúmeras mensagens pornográficas — 187 pelo que pode contar — que JJ e Christina enviaram um ao outro nos últimos três meses, a mais recente sendo mais cedo naquela noite. Lizbet quer jogar o celular no vaso e dar a descarga, mas não o faz. Ela tem os meios de tirar capturas de tela das mensagens e enviá-las para si mesma.

Então Lizbet retorna para a festa. A animação está no máximo — Polo G está cantando *Martin and Gina* o mais alto que pode, e Christopher, Marcus e Peyton estão dançando. Lizbet encontra JJ na mesa um ao canto, a mais procurada do restaurante, bebendo cerveja com alguns dos rapazes da cozinha.

— Aqui está a minha rainha — fala JJ ao vê-la. Ele envolve a cintura de Lizbet com uma mão e tenta aproximá-la para um beijo, mas ela o rejeita, empurrando o celular em seu peito.

— Vou para casa — diz ela.

— O quê? — pergunta JJ. Ele pega o celular e as mensagens de Christina brilham na tela. — Ah, Deus, não. Espere, Libby...

Lizbet não o espera. Ela caminha para longe, empurrando Wavy, que nota haver algo de errado e tenta pará-la.

— Não é o que parece! — diz JJ.

Ah, mas é exatamente o que parece, pensa Lizbet quando consegue voltar para o chalé na Bear Street que comprou com JJ e lê as mensagens uma por uma. *É exatamente o que parece.*

✱

O Hotel Nantucket é talvez o único lugar na ilha onde Lizbet não tem histórias ou lembranças com Jonathan James O'Malley, então, quando Lizbet ouve que Xavier Darling comprara o hotel e que está à procura de um gerente-geral, ela se dirige direto para a imobiliária Bayberry Properties a fim de ver Eddie Veloz.

— Como posso ajudá-la, Lizbet? — pergunta Eddie quando ela se senta diante dele. Ela o pegou em um raro momento no escritório. Eddie prefere estar correndo pela ilha em seu Porsche Cayenne, usando um chapéu panamá e

fechando negócios. — Espero que não esteja aqui para vender seu chalé. Se sim, posso conseguir um belo preço...

— O quê? — diz Lizbet. — Não! — Ela vira a cabeça. — Por quê? Você ouviu alguma coisa?

Eddie limpa a garganta e parece estranhamente reservado.

— Eu ouvi que você e JJ se separaram...

— E?

— E que você está ansiosa para deixá-lo no passado — afirma Eddie. — De vez. Então pensei que talvez estivesse deixando a ilha.

— Absolutamente não. — *Se alguém deve sair da ilha*, pensa Lizbet, *é o JJ!* Mas ela não vai arrastar Eddie para o drama do casal; qualquer coisa que ela diga será destrinchada pelo Telégrafo de Pedra. — Estou aqui porque eu gostaria de ter o contato de Xavier Darling. — Ela se senta ereta e joga as tranças para trás. — Eu quero me candidatar para a função de gerente-geral no novo Hotel Nantucket.

— Você deve ter ouvido falar do salário — diz Eddie.

— Não. Eu nem pensei no salário.

— São 125 mil por ano — informa Eddie. — Mais benefícios.

Lizbet se afasta alguns centímetros. Sua mente se transporta para o sonho de uma ida ao dentista sem precisar se preocupar quando Janice, a higienista dental, lhe disser que é hora de um raio-X completo.

— Uau.

— Eu posso lhe dar o e-mail do Xavier com prazer. — Eddie estala os dedos. — Você não me disse que seu pai é dono de um hotel em Wisconsin?

O pai de Lizbet gerencia uma comunidade de aposentados em Minnetonka, Minnesota. Quando adolescente, Lizbet costumava tirar os números do bingo e acompanhar os residentes até o salão para cortarem o cabelo. Certo ano, ela atuou como jurada de um concurso de escultura de manteiga.

— Algo do tipo — respondeu Lizbet.

Eddie assentiu devagar.

— Xavier quer alguém com experiência em gerenciamento de hotéis de luxo.

Lizbet pisca. É impossível ela fazer a Comunidade de Aposentados Sol Nascente parecer um hotel Four Seasons.

— Mas ele também procura alguém que possa lidar com a Comissão do Bairro Histórico e os vereadores de Nantucket.

— Eu — diz Lizbet.

— E alguém que irá impressionar a câmara de comércio.

— Também sou eu.

— O hotel tem uma reputação bem ruim para recuperar.

— Concordo — confirma Lizbet. — Presumo que você tenha ouvido falar dos rumores de fantasmas?

— Eu não acredito em fantasmas. E *nunca* nem escutei os rumores.

Há-há-há! Pensa Lizbet. Pelo menos uma dessas afirmações é uma bela de uma mentira.

— Xavier tem um desafio pela frente — diz Eddie. — Há muita competição de alta qualidade: o Beach Club, o White Elephant, o Wauwinet. Avisei a ele que eu não sabia ao certo se havia espaço para mais um, mas o homem foi insistente. Além disso, ele tem muitos recursos. O hotel será inaugurado em junho e, de acordo com Xavier, será a hospedagem mais fina que a ilha já viu. Mas ele precisa da pessoa certa no leme.

Lizbet quase pula da cadeira. Ela deseja tanto fazer esse trabalho.

— Eu vou enviar meu currículo para o Sr. Darling hoje à noite. Você acha que poderia... me recomendar?

Eddie pressiona os dedos juntos, de modo a parecer contemplativo, e Lizbet espera que ele esteja se lembrando de todas as vezes que apareceu no Deck de última hora e Lizbet arranhou uma mesa para ele, mesmo quando estavam com uma lista de espera infinita. Eddie sempre requisitava a mesa número um e Lizbet atendia ao pedido quando podia (o fato de David Ortiz se sentar ali certa noite e Ina Garten em outra não era culpa da Lizbet!).

— Eu não vou fazer uma recomendação qualquer — diz Eddie. — Vou fazer uma *bela* de uma recomendação!

✱

Na semana seguinte, Lizbet faz uma entrevista com Xavier Darling pelo Zoom. Apesar de achar ter *arrasado* — mencionando o nome do diretor do conselho de zoneamento para ilustrar suas *conexões locais* —, a conduta de Xavier não transparecia nada. Lizbet deduziu que alguém como Xavier Darling teria uma lista de pessoas para o cargo que incluía indivíduos como os gerentes-gerais do Wynn Las Vegas e do XV Beacon Hotel em Boston. No entanto, apenas dois dias depois, Xavier entrou em contato com Lizbet pelo Zoom e lhe ofereceu o emprego. Ela estava calma e serena ao aceitar, mas no instante em que pressionou Sair da Reunião, ela pulou de alegria, com pulsos fechados vitoriosos acima da cabeça. Depois desabou em sua cadeira, com lágrimas de gratidão.

O segredo da mudança é focar toda a sua energia não em lutar contra o antigo, mas em construir o novo.

Lizbet conquistou a estaca zero proverbial.

Ela visualizou um assistente de produção de Hollywood batendo a claquete ao grito do diretor: *Tomada dois!*



Na manhã de 12 de abril, Lizbet está, infelizmente, de volta à *luta contra o antigo* — mais especificamente, lembrou-se de como foi *Christina* quem ligou para ela a fim de explicar as mensagens sexuais (*Aquelas mensagens não são nada, Libby, JJ e eu estávamos apenas fazendo piada*) — quando recebeu uma mensagem de Xavier Darling. Ele estava requisitando uma reunião. São 6h30 da manhã — Xavier, na Inglaterra, é ignorante à diferença de fuso horário —, Lizbet suspira. Ela estava planejando se exercitar na bicicleta ergométrica com streaming fitness, mas havia concordado em sempre estar disponível para Xavier, então ela coloca uma blusa sobre o top de academia, joga as tranças sobre os ombros e estiliza a franja do cabelo.

Entrar na Reunião com Vídeo.

— Bom dia, Elizabeth. (Xavier se recusa a chamá-la de Lizbet, apesar de ela já ter lhe pedido duas vezes, dizendo que a única pessoa que a chamava de Elizabeth era sua falecida avó.) Atrás de Xavier, Lizbet vê a torre do Big Ben e o Palácio de Westminster, uma vista tão icônica de Londres que poderia muito bem ser um plano de fundo do Zoom.

— Bom dia, senhor. — Lizbet tenta não se preocupar com o tom de voz sério dele, mas, por um breve instante, se pergunta se hoje será o fatídico dia em que ele baterá o martelo e toda esperança que ela tinha investido no hotel entrará em colapso, a coisa toda uma grande piada de primeiro de abril atrasada.

— Estou ligando para esclarecer alguns pontos que podem ter ficado confusos.

Lizbet se prepara. O que Xavier lhe diria?

— Você nunca me perguntou... na verdade, ninguém nunca perguntou... por que eu comprei o hotel. Afinal, eu moro em Londres e nunca nem visitei Nantucket. — Ele faz uma pausa. — Já se perguntou isso?

Lizbet, na verdade, havia se questionado sobre isso, mas concluiu ser um capricho dos muito ricos: eles compram porque podem.

— Eu comprei esse hotel em particular — diz Xavier — porque estou tentando impressionar duas mulheres.

Uau! Lizbet belisca a própria coxa para não parecer surpresa. Isso talvez seja a única resposta pela qual vale a pena sacrificar seus trinta minutos de hip-hop com Alex Toussaint.

— Duas mulheres? — pergunta Lizbet. Ela checa a expressão de seu próprio rosto no monitor; está mantendo uma cara mais ou menos séria. Lizbet, é claro, pesquisou sobre Xavier Darling no Google. De acordo com um artigo do *Times* de Londres, ele nunca se casou e não tem filhos. A internet mostrou fotos

dele no torneio de corrida de cavalos do Royal Ascot e na competição de polo da Cartier Queen's Cup com mulheres jovens e provocantes em seus braços, nunca a mesma duas vezes. Quem seriam as duas sortudas? E estariam elas dispostas a vir a Nantucket? Porque *isso* será a maior notícia da ilha! Ela adoraria apontar que comprar um avião particular ou uma singela obra de Van Gogh para cada uma sairia mais barato.

— Sim — continua Xavier. — Eu vou compartilhar com você agora quem é uma das mulheres.

— Excelente, senhor.

— Uma das mulheres que quero impressionar é Shelly Carpenter.

Shelly Carpenter, pensa Lizbet. *É claro.*

— Você sabe quem é Shelly Carpenter? — pergunta Xavier.

— Fiquem bem, amigos — cita Lizbet. — E façam o bem.

— Precisamente — diz Xavier. — Elizabeth, eu quero conquistar uma avaliação de cinco chaves do *Hotel Confidential*.

Mais uma vez, Lizbet checa sua aparência. Ela parece incrédula? Sim... sim, ela parece. Junto a 18 milhões de outras pessoas, Lizbet segue Shelly Carpenter no Instagram. Sua conta @hotelconfidentialbySC se tornou uma obsessão de nível nacional. Shelly Carpenter posta ao meio-dia, do fuso horário oriental, na última sexta-feira do mês — um carrossel de dez fotos de cada propriedade (rumores dizem que ela tira essas fotos com seu iPhone) — e o link em sua bio leva direto ao seu blog *Hotel Confidential*, no qual ela premia propriedades com uma a cinco chaves. O segredo de seu sucesso é sua escrita espirituosa e brilhante, sua inteligência afiada como uma faca, e seu senso refinado do que funciona ou não quando se trata de hotéis — mas há também um mistério envolvido. Ninguém sabe sua identidade verdadeira. A internet concorda em apenas uma coisa: Shelly Carpenter é um pseudônimo.

Qualquer que seja seu nome, ela viaja ao redor do mundo avaliando o Hampton Inn em Murrells Inlet, Carolina do Sul, com o mesmo olhar crítico com que se debruça sobre o Belmond Cap Juluca em Anguilla. (Ambos receberam quatro de cinco chaves.) É bem sabido que Shelly nunca deu uma avaliação de cinco chaves. Ela clama estar em busca da ilusória propriedade cinco chaves, mas Lizbet pensa se tratar de um blefe. Shelly nunca dará cinco chaves; segurar esse título é sua moeda de troca.

— Bem, senhor, daremos o nosso melhor — diz Lizbet.

— Isso não será suficiente, Elizabeth — elucida Xavier. — Nós faremos o *que for preciso* para ser o único hotel no mundo que essa mulher considera merecedor das cinco chaves. Nós não a deixaremos ter dúvidas. Estamos entendidos?

— Sim, senhor, estamos entendidos.

— Então nós *conquistaremos* as cinco chaves do *Hotel Confidential* até o fim do verão?

Ressurge dentro dela um espírito competitivo que Lizbet não sentia desde que concorreu com seus irmãos em uma cruzada a nado no Serpent Lake em Crosby, Minnesota.

Construindo o novo!, pensa ela. Neste momento, Lizbet acredita poder conquistar o (tão) improvável — independentemente dos obstáculos que encontrasse.

— Nós vamos conseguir a quinta chave — afirma ela.



AMOSTRA